

O GUARDADOR DE FÓSSEIS E A PEQUENA CRIANÇA: TERRITÓRIOS DE INFÂNCIAS E O DETERMINISMO DA TEORIA¹

Jader Janer Moreira Lopes¹

Maria Lidia Bueno Fernandes ¹¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)/
Universidade Federal Fluminense (UFF) - Brasil

¹¹Universidade de Brasília (UnB) – Brasil

Financiamento FAPEMIG

Resumo

Esse artigo busca fazer uma reflexão sobre os postulados das teorias, as crianças e a constituição das diferentes infâncias. Para isso, parte de um conto que envolve a presença e o diálogo entre uma criança e um adulto em um espaço tradicional do mundo: a sala de fósseis de um museu.

Palavras-chave: Crianças; Infâncias; Territórios de Infâncias

Abstract

This article seeks to reflect on the postulates of theories, children and the constitution of different childhoods. For this, part of a tale that involves the presence and the dialogue between a child and an adult in a traditional space of the world: the fossil room of a museum.

Keywords: Children; Childhood; Territory of Childhood

Os fósseis estão por aí, em muitos locais no mundo, são testemunhas das histórias e das geografias dos

¹ Este texto foi escrito para o I Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância, ocorrido na Universidade de Brasília (UnB) entre os dias 23 e 26 de março de 2018.

lugares – comentou o homem, enquanto arrumava algumas pequenas caixas e era observado por aquela criança. Colocou algumas em um canto e continuou: mas todo o testemunho é um manifesto do passado, lido no presente e nos ajuda a pensar o futuro. São tão importantes que criamos museus como esses para serem vistos e guardados, não para o que já foi, mas para o que é e o que será...A criança olhou e apenas comentou: como as folhas secas do jardim, adoro os barulhos que fazem quando são pisadas, posso trazer algumas para serem guardadas aqui também?

(Jader Janer – Conto não publicado)

O GUARDADOR DE FÓSSEIS E UMA CRIANÇA

Em um conto escrito por Lopes, não terminado e, por isso, não enviado para publicação, ele busca narrar o encontro e as conversas ocorridas entre um velho senhor, “(...) um homem de tamanho médio, estatura baixa, com um óculos que ficava grudado perto de seus grandes olhos negros, apoiado em um nariz que nunca deixava de ficar rosado e com escassos cabelos brancos”², com uma pequena criança, um menino de cabelos encaracolados, de pele bem amendoada e com olhos que

2 Como esse conto não foi finalizado, todas as referências que fizermos a ele seguirão a seguinte estrutura: “Jader Janer. O guardador de fósseis e a pequena criança, conto não publicado, s/d,s/p”. Nesse texto transitaremos entre passagens existentes nesse conto, presentes em uma agenda que agora temos disponível para diálogo, nossas narrativas e de outros autores, buscando tecer uma variedade de vozes, que se encontram e que muitas vezes se fundem. Por isso, em muitos momentos abrimos mão das normas técnicas, na tentativa de uma arquitetura outra: que evidencie as fronteiras das vozes como alteridades que se esbarram nas autorias.

lembravam as grandes jabuticabas dos quintais de sua terra, como dizia uma vizinha toda vez que o via.

O título do conto é provisório e está presente no próprio título deste artigo: “O guardador de fósseis e a pequena criança”, pelo menos em parte dele, já que traremos outros temas para reflexão. Mas, achamos oportuno transcrever algumas passagens para este texto, pois pensamos que as conversas dessas duas pessoas, com suas formas singulares de ver o mundo, podem contribuir para as investigações presentes neste dossiê.

A história deles se passa em um local que, na imaginação do autor, lembra os clássicos museus que visitou em sua infância e mesmo depois de adulto nos diversos países em que teve a oportunidade de estar³. Edificações marcadas por suas imponentes construções, acabamentos elaborados, espaços de silêncios, linhas que territorializam o ir e vir dos visitantes, que vedam acessos, os locais a serem ocupados pelos corpos em relação aos objetos, a condição intocável das peças, a expressão marcante de limpeza, remente ao “impecável”. A dimensão da escala é outra coisa que destacava muito fortemente esses espaços, essa gramática espacial silenciada de nossa vida, mas muito bem lembrada por Smith (2000) e outros autores, como Loyer (apud HARVEY, 2015, p.27), ao afirmar: “Um dos efeitos mais importantes do capitalismo (...) foi transformar a escala [...]...compare esses novos espaços com as passagens (...) A forma e os materiais são os mesmos, mas houve extraordinária mudança de escala”.

Acreditamos que você, leitor e leitora, deva compartilhar muitas de suas memórias com as nossas, afinal “reconhecemos que as crianças [e todos nós] possuem uma linguagem espacial” e que essa linguagem está na composição de “uma memória espacial”, sistematizada em nossa vivência. Lembramos aqueles que possuem poucas aproximações com

3 Escrevemos este texto e não podemos nos furtar de falar sobre a grande amiga Cristina Carvalho, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-RJ, pessoa com quem aprendemos, constantemente, sobre crianças e museus.

a teoria histórico-cultural de que esse conceito, originalmente no russo grafado como *perijânia*, tem um papel de destaque nos postulados de Lev Semionovitch Vigotski (obras diversas). Ele recupera a faceta do meio, portanto, do espaço geográfico, como uma das dimensões a serem consideradas no processo de humanização e desenvolvimento, algo tão esquecido nas oratórias produzidas nas linhas da modernidade. Vejamos na expressão do próprio autor:

Hoje eu gostaria de, fazendo uso de um objeto concreto de estudo, demonstrar-lhes algumas dessas unidades que a pesquisa psicológica opera. A vivência pode ser um exemplo dessas unidades. A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado - a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa - e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VIGOTSKI, 2010, p. 1).

Mas, ao mesmo tempo, merece ser destacada a crítica de Vigotski às grandes narrativas teóricas da sua época, seja ao inatismo, tão fortemente divulgado em seu período e que ainda

assombra os discursos contemporâneos, seja ao determinismo biológico e também ao geográfico. Por isso, o autor, ao reconhecer a presença do meio na unidade da vivência, nega a sua condição absoluta, ao reconhecer a atitude criadora e autoral do humano:

Em primeiro lugar, gostaria de colocar algo que já foi observado de maneira superficial: que para compreender corretamente o papel do meio no desenvolvimento da criança é sempre necessário abordá-lo não a partir de, creio ser possível formular dessa maneira, parâmetros absolutos, mas, sim, a partir de parâmetros relativos. Além disso, deve-se considerar o meio não como uma circunstância do desenvolvimento, por encerrar em si certas qualidades ou determinadas características que já propiciam, por si próprias, o desenvolvimento da criança, mas é sempre necessário abordá-lo a partir da perspectiva de qual relação existe entre a criança e o meio em dada etapa do desenvolvimento. Pode-se falar disso como se fala de uma regra geral que frequentemente se repete na pedologia - a de que é necessário migrar dos indicadores absolutos do meio para os indicadores relativos, ou seja, para esses mesmos indicadores, mas tomados no que concernem à criança. (Idem)

Por isso, falamos dos museus de nossas memórias e lembramos algumas imagens de espaços que nos fazem sentir o poder escalar em sua expressão geo-política-humana, três facetas que não se separam no desenvolvimento de todos nós, tem relevância para esta reflexão.

As imagens lembradas não têm força determinista,

nem de acabamento, mas de compartilhar o que o autor pensava no momento da escrita, sobre suas andanças por esses espaços vividos que, cotidianamente, ajuda a construir e também o constrói, nos constroem. Mas, independentemente da imagem que envolve cada um que lê essas linhas, destacamos que a narrativa “O guardador de fósseis e a pequena criança” começa descrevendo a rotina de vida desse senhor que há anos faz praticamente o mesmo movimento pelos espaços do grande museu de piso com brilho típico de mármore (ou, se preferir, pense em outros materiais).

A sua história parece começar num limite geográfico, pois, após passar pela grande porta e atravessar imensos salões, ele entra em um corredor que termina em uma sala ampla, não tão grande quanto as anteriores, bem pequena, na verdade, se compararmos as extensões desses locais. É nessa sala que ele passa a maior parte da sua vida, que fica a maior parte de sua vida e também a vida de muitos outros seres desse planeta, cristalizados em formas de fósseis. Ali, diariamente, ele limpa, com pincéis de cerdas delicadas, aqueles artefatos petrificados, arruma-os em caixas, organiza os estojos por datações, ajeita armários e arquivos. Isso se repete há muitas décadas, décadas que criaram uma intensa intimidade dele com aquele espaço, lugar que forjou os tempos de sua existência, por isso, ele acabou sendo conhecido como “o guardador de fósseis”.

Curiosamente, há, na porta, uma placa com a seguinte sentença: “Não entre. Acesso somente para pessoas autorizadas”. O que faria uma placa como essa em um local que guarda tantas entradas em entranhas geológicas? “É apenas uma questão que me passou, agora que estou na deriva de um texto que rascunhei há tanto tempo⁴ e que alguém mais atento também poderia questionar”. Bakhtin (obras diversas) faz questão de nos dizer sobre a relação que o autor estabelece com o herói em suas produções literárias e nos aponta como os personagens criados passam a interpelara partir de suas existências.

4 Essas páginas estão na agenda do autor (ano de 2013).

Mas o importante e significativo para esta reflexão é que, depois de tantos anos desse movimento, o que era para ser um dia como qualquer outro foi interrompido por um acontecimento, um acontecimento simples, algo a ser resolvido com algumas palavras, com uma questão seguida de uma frase imperativa. Simples? Mas...não foi!

Havia uma pequena criança parada na porta que tinha a placa pendurada, olhando o velho senhor com o pincel na mão. Com olhos aguçados e o que parecia uma grande curiosidade, o garoto apenas comentou, parecendo perguntar - é incrível como muitas frases das crianças não são estabilizadas nos canônicos conhecimentos gramaticais - essa era mais uma delas, o pequenino disse: lugar de brincar!?!

A frase daquele menino não tinha clareza na entonação, mas a do velho senhor era explícita e fortemente marcada: **não!** O que era aquilo? O que aquela criança queria dizer com aquilo? Quem teria levado aquela criança para aquele local? Eram questões que passaram por ele, logo após sua marcada resposta e a elas se juntava outra certeza: peças tão delicadas não combinam com o desajeite das crianças! Como proteger a história e a geografia do mundo dos ávidos pensamentos infantis? De mãos e corpos ágeis, difíceis de serem controlados e que sempre parecem colocar tudo em risco?

Aquela criança parada na soleira da porta dizia muita coisa. Parecia lembrar uma trágica fronteira: eram indícios da pura barbárie que poderia acontecer, se aquele corpo indomável cruzasse a linha entre os espaços. Por isso, não era algo simples aquele pequeno ser, num local com tantas coisas fossilizadas, pensava o velho senhor. Havia muitas coisas a serem guardadas e protegidas. O que fazer?

Levantou-se e aproximou-se da criança. Seu corpo se interpusera entre ela e o espaço da sala? Olhou ao redor procurando um outro adulto que fosse responsável por aquela situação. Tinha que haver alguém por ali, ele não iria resolver aquilo sozinho. O garoto nada falava, apenas buscava ultrapassar o olhar para além da barreira criada, contemplando tudo que havia dentro! Você está com quem? O homem

perguntou! Mas a resposta da criança foi uma pergunta: deixa eu entrar?

Um frio percorreu a espinha do homem: como uma pessoa com tão pouca história queria entrar em um lugar com tanta história? As perguntas fluíam por dentro dele! Como você chegou até aqui? Está perdido? Ele insistia em perguntas. Mais uma vez, a resposta foi: O que é aquilo? Agora a mão apontava para a peça de muitos anos que o velho homem estava manipulando quando tudo isso começou.

Sem muito saber o que fazer, o homem deu a mão à criança, já ultrapassando o limite entre o corredor e a sala, mas pasme, não para o lado externo, mas para o interno, dizendo: vou lhe mostrar, desde que não toque em nada. A criança apenas concordou. Entraram.

O homem pegou o que parecia um daqueles fósseis de peixes que ficam impressos nas rochas e mostrou para o menino. Apresentou comentando: Vê? É um ser do passado, que ficou aprisionado aqui.

Aprisionado? Retrucou a criança!

Sim, aprisionado! Só podemos compreender as coisas quando estão aprisionadas. Coisas em movimentos dificultam nossos olhares. Respondeu o homem. Por isso, temos que olhar para os fósseis, eles são acabamentos, quase sempre definitivos.

O garoto firmou o olho, buscando os detalhes e apenas disse: é um peixe morto. Falou em um tom totalmente desconhecido do velho homem, que logo pensou: “A entonação só tem sentido nas frases dos adultos”!

O guardador de fósseis e algumas folhas secas

Não queira saber como a narrativa continua, pois, como alertamos no início deste texto, ela não foi terminada. “Mas, quando passo as folhas da velha agenda onde ela foi rascunhada, deparo-me com uma das minhas próprias formas de escrita. Começo um conto e depois, de forma aleatória, os personagens e seus diálogos me traem, pois acabam aparecendo e conversando sem minha autorização, criando fragmentos que

registro e que, depois, de forma consentimentada entre todos, tento costurar. Eu mesmo não sei como essa criança chegou até a porta da sala do guardador de fósseis. Nunca pensei sobre isso, a imagem que tenho é de ela já estar por lá. Também não sei quanto tempo ela ficou por lá, se foi embora, se voltou. Enquanto escrevo estas linhas, os dois continuam juntos no pequeno espaço daquele velho senhor. O fragmento a seguir surgiu após a epígrafe que abre este artigo⁵:

Como assim guardar folhas secas?
Para quê? Indagou o velho homem. A criança não pensou duas vezes, apenas comentou: é que se guardar as folhas secas, guardamos os barulhos que elas fazem. Tem barulhos guardados aqui? O homem ficou sem palavras. Pensou e respondeu com uma voz diferente da que fala muitas vezes: não, aqui deve ser o lugar mais silencioso de todo museu! Havia um som de tristeza em sua voz. Se isso era verdade, o riso alto da criança acabou de vez com aquela condição, que voltou a falar das folhas: elas têm barulhos e muitas cores diferentes. Eu mesmo sei fazer silêncio, vim caminhando para cá e meus pés ficaram totalmente calados. O homem foi ficando desconcertado, já nem mais queria saber como ele havia chegado ali. Só começava a pensar o quanto tempo estava perto dos fósseis e o quanto tempo estava longe de muitas crianças. Mas não se deixou abater e retrucou: o problema das folhas secas é que elas quebram e não podem ser limpas com meus pincéis. Agora a criança não teria o que responder, ele pensou. Não que estavam

5 Essa passagem está na agenda do autor (ano de 2013).

disputando algo, mas era, incrível, como aquele menino o desconcertava.

Vigotski, na compilação de textos organizados no livro *Imaginação e Criação na Infância* (2009), deixa claro que a imaginação é a base de toda a criação humana, desde as grandes invenções até aquelas que parecem insignificantes (sobretudo para um mundo marcado pela funcionalidade das coisas e que se manifesta nas diversas instâncias da vida). Ele irá afirmar: “Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, científica e a técnica.” (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Para esse autor (*idem*), a maior característica do humano é, exatamente, a capacidade de criar o novo, de criar algo que coloca em constante movimento a história e a geografia do ser humano, de uma atividade criadora que se estabelece de encontros com o existente, quer em sua condição simbólica ou material e irá destacar a grande capacidade das crianças em fazer esse movimento:

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras. A criança monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalcando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe, a criança que, na brincadeira, transforma-se num bandido, num soldado do Exército Vermelho, num marinheiro – todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. (*idem*, p.16-7)

Ao trazer essa explanação, Vigotski (*idem*), sistematiza um conceito potente, ainda pouco citado em suas leituras e interpretações no Brasil: a reelaboração criadora das crianças!

Um conceito evocado como contemporâneo no campo de estudos da infância, mas cunhado por esse autor nas primeiras décadas do século XX. Voltemos para suas palavras:

É claro que, em suas brincadeiras, elas [as crianças] reproduzem muito o que viram. Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu ou ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas (ibidem, p. 17) ⁶.

As crianças, suas atitudes e atividades brincantes, suas potentes capacidades de imaginar, criam o novo, o inexistente! Talvez se situe aí o medo do guardador de fósseis e de seu encontro com aquele menino, aparentemente perdido no grande museu.

Mas, deixemos por enquanto esse encontro de fora e voltemos a outro: para nós, o grande construto dos postulados de Vigotski é que ele escreve toda uma teoria para nos lembrar do cuidado que devemos ter com as próprias teorias. Alguém poderia dizer: mas isso não é óbvio? Não é assim que se comportam os paradigmas da ciência?

O que estamos querendo dizer com essa afirmação? Não pretendemos declarar que os postulados teóricos não sejam importantes e que não tivemos ganhos, ao construir

6 Na tradução de 2009 (Ática), feito por Zoia Prestes, aparece o termo reelaboração criativa. Mas, em conversas com a própria tradutora, ela afirma que a palavra criadora melhor se aproximaria da condição que Vigotski, provavelmente, quis explicar, por isso, assumimos esse termo.

tentativas de compreender o humano e seu processo de transformação, sobretudo no campo da ontogênese. Mas, nós nos referimos às teorias que previamente aprisionam, assim como os fósseis, as crianças em suas formas de ser e estar no mundo. São muito comuns protocolos prontos que pouco deixam espaços para o novo, para olharmos para além daquilo que deveria ser previamente visto. Lembremos que o conceito de vivência aponta para a atitude criadora como a grande marca do humano. Olhar os fósseis pode ter um valor inestimável, mas reconhecer a criação (a atividade criadora) como a grande diferença é nosso maior desafio.

As teorias devem ter o valor do diálogo para a compreensão dos eventos, pois, caso contrário, iremos voltar às velhas teses deterministas, recriadas com outras roupagens. Como é difícil avaliar criticamente o momento vivido! É comum tomarmos as verdades como verdades e não como interfaces de territórios onde a infância das crianças não está de fora.

Por isso, nós, geógrafos (e claro, outros campos acadêmicos), ao olharmos as crianças em suas vidas, em seus espaços vivenciados, devemos lembrar (e cuidar) dos assombros dos determinismos que nos rondam constantemente, buscando o prévio, o já dito, o já estabelecido e limpando (nem sempre com cerdas suaves) o novo, a criação, o que seria descomedido! Fixamos em narrativas as infâncias que desejamos ver. Falamos em adultocentrismo, mas não podemos deixar de falar em egocentrismo adulto! Toda teoria é um preâmbulo do outro e, em tempos obscuros e difíceis, de retrocessos, podem ser precisas sentenças de fossilização.

Voltemos ao Museu!

Crianças...

O limite das páginas é sempre uma situação difícil de pensar nos artigos de revistas e periódicos de cunho acadêmico, pois eles criam a dúvida do que escrever e do que irá ficar de

fora. Perguntamos se é por isso que tantas pessoas gostam de escrever nas beiradas dos livros, elas permitem transbordar as palavras para além das formatações? Chegando não ao final dos nossos argumentos, mas do espaço que nos foi disponibilizado, fazemos a mesma questão: o que ainda falta contar da história inicial que abriu este texto? Melhor olhar a velha agenda que temos em mão.

“Retomo os rascunhos de minha agenda, encontro muitas linhas e frases soltas, traços de algo que deveria ter sido finalizado e nunca foi, mas que estão ali. Incrivelmente, passam-me a sensação de que o menino e o senhor continuam a conversa. Estão em encontro. Acho que não quis pôr fim a algo que desejava ver mais. Todo autor tem a ilusão de que encerra seu texto! A mim parece que os dois que conversavam entre si me abandonaram, desistiram de minha presença e estão em narrativas que só a eles pertencem, mas consigo localizar um fragmento.

É uma lasca, um retalho transcrito anteriormente, do qual partirei, mesmo sabendo que não tenho como ir muito além” :

Mas não se deixou abater e retrucou: o problema das folhas secas é que elas quebram e não podem ser limpas com meus pincéis. Agora a criança não teria o que responder, ele pensou. Não que estavam disputando algo, mas era incrível como aquele menino o desconcertava. Mas a criança falou e falou muito e parecia não querer parar. Dizia e dizia...

O “ir muito além” não se refere somente ao limite da formatação, mas, sobretudo, porque não há mais palavras depois desses três pontos! Passaram-se anos desde que esse conto foi iniciado na agenda que recebemos. Não sabemos mais o que o garoto disse, nem queremos colocar palavras na

autoria dele, suas narrativas já não são mais nossas, nem do autor que rascunhou essas páginas. Se o menino comentou algo, acreditamos que deve ter sido alguma expressão bem maior do que conseguimos expor neste texto, por isso não queremos arriscar. Muitas vezes, nossas palavras adultas não dão conta das palavras infantis, de suas criações e resolvemos tudo como se o imaginário infantil fosse apenas um mundo de fantasias e não de potenciais criadoras.

Assim, só nos resta afirmar, a partir do tom do já escrito, na esperança de que novas notas emergjam nesses comentários finais. Voltamos a anunciar que olhar as narrativas infantis com teorias predeterminadas, fixas e imutáveis é, muitas vezes, negar a sua atitude criadora frente ao mundo, é negar a contribuição das crianças em outras formas de ler e entender os eventos que fazem parte da existência humana.

É comum ouvir nos discursos, sobretudo geográficos, que devemos ensinar as crianças a ler o espaço, a compreender o mundo complexo que nós produzimos, como uma das essências dos saberes e conhecimentos da própria Geografia e de suas contribuições para emancipação das pessoas. Não nego isso, mas não deveríamos nos perguntar, também, como aprendera ler o espaço com as crianças? Como desenhar possíveis complexidades a partir do olhar infantil? O mundo é complexo para quem? Onde se localiza a condição inovadora da vivência geográfica que constrói diferentes rumos para a história?

Guardar e cuidar amorosamente dos nossos fósseis tem importância significativa para a história do ser humano, para suas geografias, seus eventos espacializados de forma diferenciada e singular no mundo. Mas ouvir o som presente nas folhas secas e o estalar do novo que surge diariamente na vida cotidiana também são fundamentais. É necessário cuidar de nossas escolhas, pois elas portam atitudes responsivas (BAKHTIN, 2012) com o outro.

Não sabemos quando o garoto foi embora, nem quanto tempo ficou por lá. Como já comentamos, procuramos nas anotações da agenda, mas não encontramos nada mais.

Chegamos ao final com a certeza de que, definitivamente, esse pequeno conto não foi terminado. Achamos importante que os fósseis guardados pelos adultos, pelo velho homem, possam ficar ao lado das folhas secas e do grande contador de vidas que é esse menino, desaprionando-se!

Assim, vale voltar a perguntar: Quem teria deixado aquele menino entrar ali?

REFERÊNCIAS

Bakhtin, M. M. **Para uma Filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

HARVEY, D. **Paris – Capital da Modernidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SMITH, N. Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto e produção da escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papyrus, 2000

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Quarta aula: a questão do meio da pedologia. *Psicologia USP*, vol. 21, nº 4. São Paulo, 2010.